

LUNA, Francisco Vidal. População e Atividades Econômicas em Areias (1817 – 1836), *Estudos Econômicos*, São Paulo, 24(3): 433-463, set/dez. 1994.

POPULAÇÃO E ATIVIDADES ECONÔMICAS EM AREIAS (1817 – 1836)

Francisco Vidal Luna

Resumo

Analisou-se a dinâmica populacional e econômica de Areias no período 1817 – 1836, período de fortes transformações com a introdução da cafeicultura.

Os cultivos anteriores (açúcar, aguardente e gêneros de subsistência) provavelmente serviram de base até que a maturidade da produção cafeeira, permitiu gerar os recursos para sua própria expansão.

A cafeicultura, inicialmente desenvolvida inclusive em fogos sem escravos, com sua consolidação transformou radicalmente a estrutura produtiva da localidade: aumentou o peso da mão-de-obra escrava, ampliou-se o tamanho das unidades produtivas e ocorreu forte concentração na cafeicultura ou atividades relacionadas, tais como artesanato ou comércio.

Palavras-chave

Escavidão, demografia escrava, proprietário de escravos, produtor de café

Abstract

This paper has analysed populational and economic dynamics of Areias from 1817 to 1836, period in which there occurred strong changes through the introduction of the coffee growing. The former cultures (sugar, white rum and subsistence products) have probably served as a basis till the maturity of the production of coffee was accomplished, generating the resources required for its own expansion.

The coffee growing, which at the beginning has also been developed by farmers who had no slaves, has radically transformed the productive structure of the site: the slave work was significantly boosted, and the size of the productive areas increased; moreover, it generated a strong concentration in the coffee growing activity and in the co-related activities, such as the artisan work and commerce.

Key words

Slavery, slave demography, slave holding, coffee-producer

Em trabalho anterior a respeito da Capitania (Província) de São Paulo, no período de 1777 a 1829 (LUNA, 1993), evidenciou-se a importância econômica da vila de Areias; representava a única, dentre as vinte e cinco áreas estudadas, onde o café consolidara-se ao final do período em questão. No conjunto das localidades, de um total de 7.286 escravos possuídos por proprietários ligados ao café 4.735 habitavam nessa vila. Em Lorena, Guaratinguetá, Pindamonhangaba e Jacareí, também no Vale do Paraíba, ocorriam cultivos de café, mas em menor escala. Ademais, em 1829 concentrava o maior contingente de escravos, superando núcleos açucareiros importantes e tradicionais como Itu e Campinas. Neste trabalho, com base nas Listas Nominativas dos Habitantes,¹ analisaram-se os anos de 1817, 1822, 1829 e 1836.²

Conforme veremos neste trabalho, a localidade cresceu rapidamente no início do século passado, com base no cultivo de açúcar, de gêneros de subsistência variados (cujos excedentes eram vendidos para fora da região) e pela introdução da cafeicultura. Este produto, que exige investimento de longa maturação, foi plantado originalmente de forma complementar aos demais cultivos agrícolas e serviu-se da infra-estrutura econômica existente, principalmente força de trabalho, até o momento em que a própria cafeicultura foi capaz de gerar os meios para sua expansão.

A cafeicultura surgiu como atividade possível de ser desenvolvida por todos os agricultores, tanto aqueles com forte suporte econômico, geralmente materializado na posse dos escravos, como aos produtores sem posses, que baseavam seus cultivos na força de trabalho familiar. Com o tempo, e a maturidade da cafeicultura, aumentava o tamanho da unidade produtiva, que passava a depender intensamente da mão-de-obra escrava. Aumentava também o tamanho médio dos plantéis, expandia-se a proporção dos fogos com escravos e o peso dos escravos na população total. Paralelamente, reduzia-se a importância relativa dos demais produtos agrícolas e se consolidavam as atividades subsidiárias da agricultura, tais como o comércio e o artesanato.

Considerou-se a vila de forma global. Entretanto, para aprofundamento de temas específicos, apresentaram-se também resultados por companhias de ordenanças.³ Com a autonomia de Bananal, em 1832, Areias perdeu parte importante do seu território, de sua população e de sua riqueza, pois na área que veio a formar essa nova vila desenvolvia-se intensa atividade cafeeira.⁴

Em 1829, ainda sem a perda do território de Bananal e Queluz, residiam em Areias 12.454 habitantes, resultantes de crescimento da população à taxa anual de 5,4%, no período 1817 a 1822, e 5,6% entre 1822 e 1829. Os fogos expandiram-se em percentual menor, com aumento na média de pessoas por fogo de 6,1 (1817) para 8,0 (1829). Por outro lado, ampliou-se significativamente a participação de fogos com escravos, de 25,9% (1817) para 37,9% (1829), porcentagem elevada para os padrões da Província de São Paulo, que neste último ano apresentava proporção de fogos com escravos da ordem de 26%.(LUNA, 1993). Mesmo Campinas, Itu e Porto Feliz, importantes centros açucareiros, mostravam valores inferiores (entre 31% e 35%).

Em 1829 habitavam na vila de Areias 5.597 escravos, fruto de acelerado processo de crescimento, muito acima do ocorrido entre os livres. Entre 1817 e 1829 a população escrava expandiu-se à taxa anual de 10,4% ao ano (127% no período), contra 2,9% dos

¹ Servimo-nos, como fonte básica, das Listas Nominativas dos Habitantes, manuscritos do Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo, também conhecidos como Maços da População.

² Areias, por alvará de 28-11-1816, constituiu-se como vila autônoma, com o nome de São Miguel das Areias. Desmembrou-se de Lorena.

³ Nas Listas Nominativas dos Habitantes os recenseamentos realizavam-se nas vilas, divididas por companhias de ordenanças, muitas das quais tornaram-se posteriormente vilas autônomas. No caso de Areias, duas vilas surgiram por desmembramento: Bananal (1832) e Queluz (1842).

⁴ Neste trabalho a autonomia refletiu-se nos dados de 1836.

livres (41% no período). Este aumento excepcional dos cativos, relativamente aos livres, elevou a participação dos escravos na população total de 26,1% para 44,9%, percentagem muito acima da verificada na Província, situada nos 30% (Tabela 1).

TABELA 1
POPULAÇÃO E FOGOS EM AREIAS – VILA DE AREIAS

Discriminação	1817	1822	1829	1836	1836
	Censos e Mapas Populacionais				(1)
Número de habitantes	6.565	8.530	12.454	-	9.469
Número de escravos	1.710	3.442	5.597	2.613	3.846
Número de proprietários	278	442	604	280	-
% de Escravos na população	26,1	40,4	44,9	-	40,6
Taxa de cresc. da população	-	5,4	5,6	-	-
Taxa de cresc. dos escravos	-	15,2	7,2	-	-
Número de fogos	1.072	1.117	1.565	1.264	1.071
Fogos com escravos	278	442	593	280	-
Habitantes por fogo	6,1	7,6	8,0	-	8,8
% Fogos com escravos	25,9	39,6	37,9	22,2	-
Escravos por fogo	6,2	7,8	9,4	9,3	-

Nota: (1) MULLER (1923,p.133).

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes e Mapas da População, Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo (AESP).

Ao desmembrar-se Bananal,⁵ Areias sofreu significativa perda populacional. Em 1836 habitavam em Areias 9.469 pessoas, das quais 3.846 escravos. Em Bananal, já independente, residiam 6.708 pessoas, sendo 3.470 escravos.⁶ Nesse ano, a soma das vilas de Areias e Bananal totalizava 16.177 habitantes, com crescimento anual de 3,8% entre 1829 e 1836; os escravos totalizavam 7.316 no conjunto das duas localidades, repetindo a taxa anual de crescimento.

A partir dos censos das vilas de Areias e Lorena, consideradas as companhias de ordenanças representativas de Areias e Bananal,⁷ verifica-se a ocorrência de crescimento contínuo da população nessas áreas, no início do século XIX. Em 1798 residiam nas companhias de Areias (excluída a área de Bananal) 566 escravos, contra 2.787 em 1829, ou seja, aumento anual de 5,3%. Bananal apresentou resultado similar: entre 1804 e 1829 os escravos ali existentes expandiram-se de 473 para 2.281, com taxa anual da ordem de 6,5%. Em 1829, quando os dados de Bananal integravam o censo de Areias, os cativos relativos a Bananal perfaziam 41% dos escravos da vila (Tabela 2)

⁵ Sobre Bananal veja-se MOTTA (1990).

⁶ Neste caso, quando consideramos o agregado da população de Areias e Bananal, servimo-nos de MULLER (1923). Para Areias, em 1836, existe expressiva diferença no total apresentado por esse autor e os dados das Listas Nominativas, provavelmente incompletas nesse ano. Note-se que todas as demais tabelas deste trabalho tiveram por base as Listas Nominativas de Habitantes ou os Mapas da População (AESP).

⁷ Na análise por companhias de ordenanças existentes nas Listas Nominativas dos Habitantes de Lorena e de Areias, consideraram-se para Lorena, Areias, Queluz e Bananal as companhias de ordenanças específicas de cada uma dessas áreas e que posteriormente formariam as respectivas vilas. Note-se que para Lorena, para ampliar o período abrangido, consideraram-se também as Listas Nominativas anteriores ao desmembramento de Areias, ocorrido em 1817.

TABELA 2
NÚMERO DE ESCRAVOS POR COMPANHIA DE ORDENAÇÕES

Anos	Vila de Lorena	Companhias de Ordenanças da Vila de Areias			
		Areias	Queluz	Bananal	Total
1798	763	566	-	-	566
1804	1.080	314	-	473	787
1810	1.093	415	72	656	1.143
1817	-	631	71	1.008	1.710
1822	-	1.535	312	1.595	3.442
1829	-	2.787	529	2.281	5.597
1836	-	2.461	152	-	2.613

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, Acervo do AESP.

Características dos Fogos

Antes da análise específica das atividades econômicas dos proprietários de escravos, torna-se sugestivo verificar a estrutura dos fogos da localidade, estudando suas características, principalmente quando divididos entre fogos com escravos e fogos sem escravos.⁸

A porcentagem de fogos com escravos aumentou significativamente entre 1817 e 1822, de 25,8% para 38,9%, mantendo-se nesse patamar até 1836. Relativamente ao sexo dos chefes de fogo, não se evidenciaram diferenças significativas entre os dois grupos, mantendo-se nos dois segmentos marcante predominância masculina, acima de 85% (Tabela 3).

TABELA 3
CARACTERÍSTICAS DOS FOGOS COM E SEM ESCRAVOS – VILA DE AREIAS

Anos	1817	1822	1829	1836
Número de fogos	1.072	1.117	1.565	702
% Fogos com escravos	25,8	38,9	38,0	37,7
Fogos sem escravos				
- % Chefes de fogo homens	86,0	88,7	88,2	83,4
- % Chefes de fogo mulheres	14,0	11,3	11,8	16,6
Fogos com escravos				
- % Chefes de fogo homens	89,2	89,0	86,7	81,2
- % Chefes de fogo mulheres	18,8	11,0	13,3	18,8

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, acervo AESP.

A partir de 1817, como reflexo da forte expansão verificada na população escrava, alterou-se o peso relativo dos fogos com e sem escravos como local de domicílio dos habitantes da vila. Em 1817, nos fogos sem escravos habitavam porcentagem majoritária do total dos habitantes (54,4%); nos anos seguintes tal percentual reduziu-se para cerca de 35%. Essa alteração no peso relativo ocorria paralelamente à entrada maciça de escravos, e aumento da sua participação na população (acima de 40% entre 1822 e 1836). Considerados apenas os livres, cerca de 60% continuavam a residir em fogos sem escravos.

⁸ Para um estudo pioneiro a respeito dos não-proprietários de escravos veja-se COSTA (1992).

Relativamente a pessoas por fogo, computados apenas os livres, os resultados médios apresentados pelos dois segmentos assemelhavam-se, variando entre 4,2 e 4,7, valores estes relativamente baixos, pois englobavam tanto os familiares como os agregados incorporados aos fogos. A inclusão dos cativos aumentava significativamente a média de pessoas nos fogos com escravos, para níveis entre 10,8 (1817) e 14,1 (1836).

Consideradas apenas as pessoas livres produtivas⁹ a média por fogo atingia 2,3, com valores praticamente idênticos para fogos com e sem escravos. Somados os respectivos cativos produtivos, a média dos fogos com escravos resultava 7,0 no ano de 1817 e números entre 8,3 e 9,6 nos demais anos analisados. Esta parcela da população, classificada como produtiva, representava a força de trabalho potencial da localidade. Nos fogos com escravos, exceto nos de médio e grande porte, escravos e livres (da própria família) provavelmente trabalhavam lado a lado, principalmente nas lides agrícolas. Nos fogos sem escravos, muito dos quais dedicados à agricultura, a força de trabalho baseava-se essencialmente no conjunto familiar, eventualmente com o apoio de agregados (Tabela 4).

TABELA 4
FOGOS E POPULAÇÃO – VILA DE AREIAS

Anos	1817	1822	1829	1836
Fogos sem escravos				
- Peso no total da população	54,4	35,8	33,1	33,4
- Peso no total dos livres	73,6	59,8	60,2	60,6
- Média pessoas por fogo	4,5	4,5	4,2	4,3
- Média livres por fogo	4,5	4,5	4,2	4,3
- Produtivos livres for fogo (1)	2,3	2,3	2,2	2,2
Fogos com escravos				
- Peso no total de população	45,6	64,2	66,9	66,6
- Peso no total dos livres	26,4	40,2	39,8	39,4
- Média pessoas por fogo	10,8	12,5	14,0	14,1
- Média livres por fogo	4,6	4,7	4,6	4,6
- Produtivos livres por fogo (1)	2,5	2,4	2,4	2,3
- Total produtivos por fogo (1)	7,0	8,3	9,6	9,5

Nota: (1) Utilizou-se o conceito de produtivo para livres ou escravos na faixa etária de 15 a 64 anos.
Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, acervo do AESP.

O expressivo número de fogos sem escravos, a elevada porcentagem da população residente nesses fogos e sua orientação para atividades agrícolas variadas sugerem que parte importante da produção daquela sociedade provinha de trabalho livre, de pequenos produtores independentes, baseados no grupo familiar, ou de proprietários com reduzido número de escravos, cuja força de trabalho fundamentava-se simultaneamente nos membros da própria família e nos escravos. As evidências aqui encontradas quanto ao peso dos não-proprietários, ou de pequeno porte, ambos baseando suas atividades na força de trabalho familiar, confirmam resultados similares obtidos por Costa.¹⁰

⁹ Considerou-se, de forma arbitrária, produtivas as pessoas livres e escravas, dos dois sexos, na faixa etária de 15 a 64 anos.

¹⁰ "... ao que parece, o crescimento econômico, mesmo quando orientado pela expansão do comércio exterior, vinha acompanhado de oportunidades das quais também usufruíam os não proprietários, de sorte que os mesmos não eram excluídos das áreas economicamente mais dinâmicas, nem perdiam sua posição numericamente dominantes." (COSTA, 1992, p. 115).

A ocorrência dos agregados mostrou alguma significância em Areias,¹¹ correspondendo a cerca de 5% do total da população e 7% dos livres, com presença em aproximadamente 15% dos fogos.¹² Os agregados mostravam maior importância relativa nos fogos com escravos. Assim, em um quinto dos fogos escravistas identificaram-se agregados; nos fogos sem escravos a ocorrência mostrou-se bastante variável, oscilando entre 17% em 1817 e 6,4% em 1829. Quando se considera o peso dos agregados no total da população livre, revela-se também expressiva a diferença entre as duas categorias de fogos. Enquanto entre os fogos, nos quais se encontram escravos, o percentual dos agregados situava-se pouco acima de 8%, nos demais esse número alcançava cerca de 6%. A maior ocorrência de agregados nos fogos com escravos permite associá-los mais intensamente aos fogos mais ricos e com força de trabalho permanente, representada pelos escravos, e provavelmente menos dependentes do trabalho livre, familiar ou de terceiros. Talvez esses fogos desempenhassem tarefas variadas e complementares ao trabalho escravo e, no caso da área rural, mantivessem cultivos próprios, para sua subsistência, em terras excedentes das grandes propriedades rurais. É importante realçar que a caracterização básica de grande propriedade correspondia à posse de uma vasta extensão de terra, com pequena parcela efetivamente utilizada na produção. Pelo número de escravos usualmente existentes nessas propriedades até o início do século XIX, e dadas as condições técnicas do trabalho rural no Brasil, a dimensão da atividade produtiva então desenvolvida corresponderia a uma unidade pequena ou média, se considerarmos padrões atuais de classificação (Tabela 5).

TABELA 5
AGREGADOS, HABITANTES E FOGOS – VILA DE AREIAS

Anos	1817	1822	1829	1836
Número de Agregados	327	363	373	229
% de Agregados no total de pessoas	5,0	4,3	3,0	4,1
% de Agregados no total de livres	6,7	7,1	5,5	7,4
% de Agregados nos produtivos	5,2	3,9	2,4	3,7
Média de agregados por fogo	0,3	0,3	0,2	0,3
% de Fogos com agregados	18,0	14,9	10,8	14,4
Fogos com escravos				
% de Agregados no total de pessoas	3,7	3,3	2,9	3,3
% de Agregados entre livres	8,6	8,7	8,9	10,1
Média de agregados por fogo	0,4	0,4	0,4	0,5
% de Fogos com agregados	20,9	18,6	18,0	20,0
Fogos sem escravos				
% de Agregados no total de pessoas	6,1	6,1	3,2	5,6
% de Agregados entre livres	6,1	6,1	3,2	5,6
Média de Agregados por fogo	0,3	0,3	0,1	0,2
% de Fogos com agregados	17,0	12,7	6,4	11,0

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, acervo do AESP

Quanto à relação entre fogos e atividades, ocorria preponderância de fogos dedicados à agricultura, particularmente nos anos de 1817 a 1822, quando mais de dois terços dos fogos dedicavam-se a esse segmento econômico; em 1836, ao separar-se Bananal, ampliou-se o peso relativo do núcleo urbano na vila de Areias, onde se

¹¹ Os agregados representam um grupo social que tem merecido especial atenção da historiografia brasileira. Sobre o tema veja-se SAMARA (1981 e 1976).

¹² Em Itu, para o mesmo período, encontrou-se uma porcentagem de fogos com agregados da ordem de 15 a 17%, conforme SAMARA (1981, p. 161).

consolidava significativa variedade de atividades provavelmente subsidiárias da cafeicultura, como artesanato, comércio, profissões liberais e administração pública. Cresceu também o peso dos fogos cujo chefe vivia de seu jornal. Em 1836 o percentual correspondente à agricultura reduziu-se para cerca de 50%, com aumento na participação relativa dos demais segmentos. Como nos fogos dedicados à agricultura ocorria geralmente média de pessoas por fogo maior¹³ relativamente às demais atividades e em face do significativo peso dos fogos dedicados à agricultura, concentravam-se nestes a grande maioria da população da vila, com percentual acima de 80% nos três primeiros anos e 70% em 1836. Nos fogos vinculados à cafeicultura residiam mais da metade dos habitantes de Areias no período 1822/1836. No ano de 1829, antes de separar-se Bananal, o percentual resultou 64,4% (Tabela 6).

TABELA 6
ATIVIDADES, PARTICIPAÇÃO NOS FOGOS E HABITANTES – VILA DE AREIAS

Atividades	1817	1822	1829	1836	1817	1822	1829	1836
	Participação nos Fogos (%)				Participação no Total de Habitantes (%)			
Agricultura	74,0	83,9	71,4	49,6	82,6	90,6	85,9	70,5
Artesanato	5,7	5,7	10,4	14,0	3,8	3,0	4,5	6,3
Comércio	2,9	4,1	4,8	9,1	2,1	2,9	3,2	7,8
Transportes	0,5	0,6	0,6	0,8	0,6	0,6	0,3	0,3
Diversos (1)	1,4	1,7	1,3	2,1	0,8	1,4	0,8	1,6
Jornaleiros	10,9	1,9	2,6	0,0	0,6	0,8	1,1	5,7
Outros	14,5	2,0	8,6	12,0	9,0	0,7	3,8	6,6
N. Consta	0,1	0,1	0,3	2,4	0,5	0,0	0,4	1,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Nota: (1) Inclui Administração Pública, Eclesiásticos, Rentistas e Profissionais Liberais

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, acervo AESP

Como vimos, na vila de Areias cresceu significativamente o percentual de fogos com escravos. Na agricultura a participação dos fogos com escravos mostrou crescimento ainda maior. Situava-se em 28,7% no ano de 1817, manteve-se na faixa dos quarenta por cento nos anos de 1822 e 1829 e ultrapassou os cinquenta por cento em 1836. Aumentava a média de escravos por fogos e a proporção de fogos com escravos. No artesanato encontrou-se média inferior e estável, na faixa dos vinte por cento. No comércio, nos transportes e no conjunto que inclui administração pública, eclesiásticos, rentistas e profissionais liberais verificou-se presença de cativos na metade dos fogos.

Segmentada a agricultura, verifica-se a existência de cativos praticamente na totalidade dos fogos dedicados à produção de açúcar e aguardente. Na subsistência, manteve-se um percentual estável, ao redor de vinte por cento. Nos fogos predominantemente ligados à cafeicultura a proporção elevou-se de 52,3% em 1817 para 62,4% em 1822 e estabilizou-se nesse patamar nos anos seguintes (Tabela 7).

¹³ Enquanto na Agricultura a média de pessoas por fogo resultava crescente (6,84 em 1817 e 11,37 em 1836), em função do aumento no número de escravos, nas demais atividades a média manteve-se estável, ao redor de quatro em todos os anos considerados.

TABELA 7
ATIVIDADES E FOGOS – VILA DE AREIAS
(Percentual dos Fogos com Escravos)

Anos	Percentual em Relação ao Total de Fogos			
	1817	1822	1829	1836
	Atividades em Geral			
Agricultura	28,7	40,8	43,7	52,6
Artesanato	19,7	20,3	20,9	20,4
Comércio	41,9	52,2	50,0	46,9
Transportes	40,0	57,1	30,0	33,3
Diversos (1)	46,7	63,2	57,1	86,7
Jornaleiros	0,0	0,0	5,0	4,3
Outros	9,0	0,0	10,4	11,9
Total	25,8	38,9	38,0	37,8
	Agricultura			
Café	52,3	62,4	62,0	66,5
Açúcar	92,9	100,0	100,0	-
Aguardente	90,9	100,0	85,7	-
Subsistência	17,9	21,0	16,5	24,3
Pecuária	68,7	50,0	-	-

Nota: (1) Inclui Administração Pública, Eclesiásticos, Profissões Liberais e Rentistas

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, acervo do AESP

Embora uma proporção entre vinte e trinta por cento dos fogos possuísse escravos, como nestes fogos encontrava-se média de habitantes por fogo significativamente alta, pelo peso dos escravos a parcela da população total residente nos fogos escravistas situava-se em percentuais superiores: pouco menos da metade em 1817 e cerca de dois terços nos anos seguintes. Na agricultura, atividade à qual se dedicava a maioria dos escravos da vila de Areias, mais de setenta por cento dos habitantes (inclusive escravos) residentes em fogos dedicados a tal atividade situavam-se em fogos escravistas nos anos de 1829 e 1836. Quanto aos fogos relacionados com o café, esse percentual situava-se em 85% naqueles anos (Tabela 8).

TABELA 8
ATIVIDADES E PARTICIPAÇÃO NOS HABITANTES – VILA DE AREIAS
(Percentual dos Fogos com Escravos)

Anos	Percentual em Relação aos Habitantes			
	1817	1822	1829	1836
Atividades em Geral				
Agricultura	49,5	65,9	71,8	78,3
Artesanato	30,8	31,1	33,3	27,9
Comércio	57,9	65,9	63,4	72,9
Transportes	38,5	82,4	33,3	50,0
Diversos (1)	54,7	84,7	76,2	91,4
Jornaleiros	0,0	0,0	7,8	6,6
Outros	12,9	0,0	17,2	25,7
Total	45,6	64,2	66,9	66,6
Agricultura				
Café	67,0	80,2	84,4	86,3
Açúcar	99,6	100,0	100,0	-
Aguardente	96,4	100,0	96,6	-
Subsistência	26,8	30,3	22,1	33,0
Pecuária	80,2	75,0	-	-

Nota: (1) Inclui Administração Pública, Eclesiásticos, Rentistas e Profissionais Liberais
 Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, acervo do AESP

Nesta seção procurou-se comparar os fogos com e sem escravos na vila de Areias. Verificou-se grande expansão nos fogos com escravos entre 1817 e 1829, estabilizando-se com a separação de Bananal, que se refletiu no censo de 1836. Essa expansão no peso relativo dos fogos com escravos deu-se paralelamente ao crescimento da população escrava na localidade, com peso de 40% da população total a partir do ano de 1822. A partir desse ano, dois terços dos habitantes residiam em fogos com escravos; no caso dos livres, mais de 40% habitavam esses fogos. A análise das atividades econômicas desenvolvidas nos fogos mostra que mais de 70% dos mesmos dedicavam-se à agricultura, e nestes fogos concentrava-se um percentual ainda maior da população total. As demais atividades revelaram pouca importância no número de fogos, habitantes e escravos. Notou-se, também, entre as várias atividades agrícolas, grande diferença no peso dos fogos com escravos. No caso do açúcar e aguardente, praticamente todos os fogos com tais atividades possuíam cativos. Nos cultivos de subsistência dava-se o extremo oposto: em apenas 20% dos fogos encontravam-se cativos. Na cafeicultura, a partir da fase inicial exercida por grande número de não proprietários ou pequenos proprietários, aumentou a proporção dos fogos com escravos e seu tamanho médio. Ainda assim, em 1829, cerca de 40% dos cafeicultores não possuíam escravos, e a força de trabalho nesses casos deveria constituir-se na própria família do lavrador.

Atividades Econômicas dos Proprietários de Escravos

A agricultura constituía a base econômica da vila, absorvendo parcela majoritária da força de trabalho, particularmente da mão-de-obra escrava. Embora houvesse um número expressivo de habitantes dedicados às demais atividades, principalmente artesanato e comércio, a proporção dos escravos nelas alocados mostrava-se reduzida, pois as exerciam principalmente não-proprietários de escravos ou proprietários de pequeno porte.

Entre 1817 e 1829 vinculavam-se à agricultura cerca de 85% dos proprietários de escravos, detentores de aproximadamente 95% dos escravos da vila. Em 1836, após a separação de Bananal reduziu-se a importância relativa da agricultura, mas ainda majoritária, com 70% dos senhores e 85% dos cativos.

Entre 4% e 7% dos proprietários (12 a 35 casos) vinculavam-se ao artesanato, cuja participação no plantel de escravos não ultrapassava 1%. Isso demonstra o baixo nível médio de escravos possuídos por esse segmento produtivo. O comércio suplantava o artesanato, mas também com pequena expressão percentual: entre 4,7% (1817) a 10,7% (1836) no conjunto dos proprietários e 2,0% entre os escravos, em todos os anos, exceto em 1836, após a separação de Bananal, quando elevou-se para 8,0%. Também era baixa a participação dos senhores dedicados à administração pública, os profissionais liberais, os rentistas e o clero: no conjunto o percentual variava entre 2 a 4% dos senhores e 2% dos escravos. As outras atividades pouco representavam entre os proprietários; o segmento de transportes pode ser citado como exemplo, com onze proprietários na soma dos quatro anos estudados. (Tabela 9).

TABELA 9
PROPRIETÁRIOS, ESCRAVOS E ATIVIDADES ECONÔMICAS – VILA DE AREIAS

Atividades	Proprietários				Escravos			
	Número de Casos							
	1817	1822	1829	1836	1817	1822	1829	1836
Agricultura	230	388	497	187	1.570	3.222	5.299	2.116
Artesanato	12	14	35	20	26	29	72	36
Comércio	13	24	37	30	38	75	128	198
Transportes	2	4	3	2	7	16	3	5
Diversos (1)	7	12	12	13	18	68	34	57
Jornaleiros	-	-	1	3	-	-	2	16
Outros	13	-	14	10	28	-	29	56
Total (2)	277	442	599	265	1.687	3.410	5.560	2.483
	Participação Percentual							
Agricultura	83,1	87,8	83,0	70,6	93,1	94,1	95,2	85,2
Artesanato	4,3	3,2	5,8	7,5	1,5	0,8	1,3	1,4
Comércio	4,7	5,4	6,2	11,3	2,3	2,2	2,3	8,0
Transportes	0,7	0,9	0,5	0,8	0,4	0,5	0,1	0,2
Diversos (1)	2,5	2,7	2,0	4,9	1,1	2,0	0,6	2,3
Jornaleiros	-	-	0,2	1,1	-	-	0,1	0,6
Outros	4,7	-	2,3	3,8	1,6	-	0,5	2,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Notas: (1) Inclui Administração Pública, Eclesiásticos, Profissionais Liberais e Rentistas.

(2) Não constava a atividade de 1 proprietário em 1817, 5 em 1829 e 15 em 1836. Possuíam respectivamente, 23, 37 e 130 escravos.

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, acervo do AESP

A preponderância da agricultura permeava toda a região da qual originou-se a vila de Areias, inclusive as áreas de Queluz e Bananal. A presença da agricultura mostrava-se mais forte inclusive nessas duas últimas localidades, com a participação de noventa por cento entre os proprietários e os escravos. Após a separação de Queluz e Bananal, concentravam-se na vila de Areias as atividades mais diversificadas (Tabela 10).

TABELA 10
ATIVIDADES AGRÍCOLAS POR COMPANHIAS DE ORDENAÇÃS
(Participação dos Proprietários Dedicados à Agricultura)

Ano	Companhias de Ordenanças de Lorena e Areias				Total
	Lorena	Areias	Queluz	Bananal	
	Participação nos Proprietários				
1798 (1)	84,1	76,7	-	-	81,1
1804 (1)	74,0	90,8	-	93,7	80,9
1810 (1)	70,9	94,8	86,4	95,4	82,0
1817 (2)	-	80,4	90,0	84,9	83,0
1822 (2)	-	80,1	98,6	95,0	87,8
1829 (2)	-	77,0	91,8	89,7	83,0
1836 (2)	-	70,5	80,0	-	70,8
	Participação nos Escravos				
1798 (1)	92,1	86,4	-	-	89,6
1804 (1)	82,1	91,7	-	98,9	88,0
1810 (1)	80,7	93,1	87,5	99,2	88,6
1817 (2)	-	88,6	94,4	95,9	93,2
1822 (2)	-	88,3	99,7	99,5	94,5
1829 (2)	-	93,5	98,5	96,5	95,2
1836 (2)	-	86,9	70,4	-	85,9

Notas: (1) Companhias de ordenanças da vila de Lorena.

(2) Companhias de ordenanças da vila de Areias.

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, acervo do AESP

A importância da agricultura evidencia-se também na média de escravos por proprietário. Na agricultura esse indicador mostrou-se elevado e crescente, partindo de 6,8 em 1817 e alcançando 11,3 em 1836. No artesanato a média era de aproximadamente dois; no comércio a média girava ao redor de três nos anos iniciais e 6,6 em 1836; entre os poucos proprietários do setor de transportes a média variou entre um e quatro. No segmento composto pela administração pública, igreja, profissões liberais e rentistas a média oscilou entre 2,6 e 5,9 (Tabela 11).

TABELA 11
ATIVIDADES E MÉDIA DE ESCRAVOS POSSUÍDOS – VILA DE AREIAS

Atividades	1817	1822	1829	1836
Agricultura	6,8	8,3	10,7	11,3
Artesanato	2,2	2,1	2,1	1,8
Comércio	2,9	3,1	3,5	6,6
Transportes	3,5	4,0	1,0	2,5
Diversos (1)	2,6	5,9	2,8	4,4
Jornaleiros	-	-	2,0	5,0
Outros	2,2	-	2,1	5,6

Nota: (1) Inclui Administração Pública, Eclesiásticos, Profissionais Liberais e Rentistas.

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do AESP.

O predomínio da agricultura justifica o aprofundamento da análise dos cultivos mais significativos, com principal destaque para cafeicultura. Em 1817, primeiro censo com a vila de Areias independente, esse cultivo já despontava com 94 proprietários (40,9% do total); em 1822 o número aumentou para 276 pessoas, atingindo 413

proprietários em 1829 (83,1% dos senhores). Em 1836 reduziu-se o número absoluto pela separação de Bananal, mas cresceu o relativo para 86,1%. A participação entre os escravos apresentou comportamento semelhante, com o peso entre os cativos variando entre 31,6%, em 1817, a 89,4% e 95,0%, respectivamente, nos anos de 1829 e 1836; o produto consolidava-se como a base econômica da localidade.

O açúcar, outro significativo cultivo em 1817, reduziu sua importância nos anos seguintes, provavelmente com a transferência de proprietários e escravos para a cafeicultura. Em 1817, um total de 13 proprietários dedicava-se à produção de açúcar, com participação excepcional entre os escravos possuídos: apesar de representarem somente 5,6% dos senhores, estes possuíam 31,5% dos escravos; caracterizavam-se como grandes proprietários, condição ainda não alcançada pelos cafeicultores. Em 1822 a concentração na atividade açucareira aumentou dramaticamente, pois os dois proprietários que se dedicavam a esse cultivo eram excepcionalmente grandes, somando 402 escravos, ou seja, 12,45% dos cativos da vila. Em 1829, contudo, os três proprietários ligados ao açúcar detinham 213 escravos, sendo que em 1836, quando do desmembramento de Bananal, possivelmente os senhores de engenho remanescentes viviam nesta localidade, desaparecendo da vila de Areias.¹⁴

As demais atividades agrícolas também perderam importância entre 1817 e 1836. Na produção de aguardente encontravam-se 10 proprietários em 1817, com 141 cativos; o número de proprietários desse segmento reduziu-se pela metade em 1822, mostrou leve recuperação em 1829, e desapareceu em 1836.¹⁵

Os cultivos de subsistência¹⁶ apresentavam marcante expressão em 1817, com metade dos proprietários e 23,69% dos escravos atuando neste segmento. Obtinham-se produtos variados como milho, mandioca, feijão, etc. Em 1822 manteve-se o número absoluto de proprietários e escravos na atividade, sem acompanhar o acelerado crescimento ocorrido na população escrava e nos proprietários. Desse modo, reduziu-se drasticamente seu peso relativo na localidade (a participação nos escravos retraiu-se pela metade). No ano de 1829 ocorreu uma queda absoluta nesses números, embora a localidade continuasse a crescer em termos de proprietários e escravos. Nesse ano, e em 1836, os proprietários vinculados aos cultivos de subsistência representaram somente 15% do total e seus escravos pouco mais de 4%. Por fim, na pecuária encontravam-se poucos proprietários: onze em 1817 e apenas um em 1822, com reduzida participação de escravos no plantel. De modo geral a pecuária desenvolvida em Areias concentrava-se na criação de porcos (Tabela 12).

¹⁴ Nos anos de 1817, 1822 e 1829 praticamente todos os proprietários ligados à produção açucareira situavam-se nas companhias de ordenanças representativas da vila de Bananal. Isso explica o desaparecimento da atividade da vila de Areias, após a separação de Bananal.

¹⁵ No caso da aguardente, a atividade desenvolvia-se tanto nas companhias de ordenanças de Areias como de Bananal. Em 1829, quando ocorreu o maior número de casos, Areias predominava com 5 proprietários, contra um em Bananal.

¹⁶ Os cultivos de subsistência serviam ao autoconsumo, vendendo-se os excedentes para fora da região.

TABELA 12
PROPRIETÁRIOS, ESCRAVOS E ATIVIDADES AGRÍCOLAS – VILA DE AREIAS

Atividades	Proprietários				Escravos			
	Número de casos							
	1817	1822	1829	1836	1817	1822	1829	1836
Café	94	276	413	161	496	2.434	4.735	2.029
Açúcar	13	2	3	-	494	401	213	-
Aguardente	10	5	6	-	141	66	135	-
Subsistência	102	104	75	26	372	311	216	87
Pecuária	11	1	-	-	67	10	-	-
Total	230	388	497	187	1.570	3.222	5.299	2.116
Participação Percentual								
Café	40,9	71,1	83,1	86,1	31,6	75,5	89,4	95,9
Açúcar	5,6	0,5	0,6	-	31,5	12,5	4,0	-
Aguardente	4,4	1,3	1,2	-	9,0	2,0	2,5	-
Subsistência	44,3	26,8	15,1	13,9	23,7	9,7	4,1	4,1
Pecuária	4,8	0,3	-	-	4,2	0,3	-	-
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Nota: (1) Inclui Administração Pública, Eclesiásticos, Profissionais Liberais e Rentistas.

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do AESP.

Nas companhias de ordenanças de Areias, a cafeicultura ganhou expressão a partir de 1817. Até esse ano a atividade mostrava pouca importância entre os proprietários de escravos, ocorrendo alguns casos esparsos nos anos de 1798 e 1804 (1 e 4 casos, respectivamente). A consolidação deu-se entre 1817 e 1829 ; no período, o número de proprietários na cafeicultura aumentou de 72 para 413 ; os escravos por eles possuídos cresceu de 496 para 4.735, ou seja, estes representavam cerca de 90% dos cativos existentes na vila (tabela 13).

TABELA 13
CAFEICULTURA CONSIDERADAS AS COMPANHIAS DE ORDENANÇAS
(Participação dos Cafeicultores entre os Proprietários dedicados à Agricultura)

Ano	Companhias de Ordenanças das Vilas de Lorena e de Areias				
	Lorena	Areias	Queluz	Bananal	Total
	Participação nos Proprietários				
1798(1)	0,0	1,3	-	-	0,5
1804(1)	0,0	5,8	-	0,0	1,5
1810(1)	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
1817(2)	-	13,6	25,0	56,4	32,7
1822(2)	-	73,0	66,7	80,9	74,6
1829(2)	-	85,7	79,1	83,8	84,1
1836(2)	-	92,4	100,0	-	92,5
Participação nos Escravos					
1798(1)	0,0	1,8	-	-	0,8
1804(1)	0,0	4,5	-	-	0,8
1810(1)	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
1817(2)	-	38,3	37,5	28,2	32,1
1822(2)	-	87,0	75,4	67,9	76,6
1829(2)	-	91,6	91,5	86,8	89,6
1836(2)	-	98,6	100,0	-	98,6

Notas : (1) Companhias de ordenanças da vila de Lorena.

(2) Companhias de ordenanças da vila de Areias.

Fonte : Listas Nominativas dos Habitantes, acervo do AESP.

Quanto ao sexo dos escravos e dos proprietários, a vila de Areias representava núcleo essencialmente masculino. Na agricultura, a marcante presença dos homens reproduzia-se tanto em cultivos de exportação como nos gêneros de subsistência. Nos primeiros, os proprietários do sexo masculino respondiam por 90% e a razão de masculinidade dos cativos indicava razão da ordem de 220. No segmento voltado à subsistência, o peso masculino entre os senhores situava-se na faixa dos 80% e entre os escravos a razão de masculinidade variava ao redor de 150.

O artesanato correspondia ao único segmento com relativo equilíbrio quantitativo entre os sexos dos proprietários ; mesmo entre os cativos, apesar de maioria masculina, resultava razão de masculinidade modesta relativamente aos demais setores (ao redor de 120 a 140). Os resultados no artesanato explicam-se essencialmente pelas costureiras e rendeiras. Apesar de pouco expressivo no conjunto dos proprietários de escravos (total de 24 casos nos quatro anos considerados), seu número era insuficiente para equilibrar a proporção dos sexos nesse segmento. Os escravos pertencentes às costureiras e rendeiras (média de escravos por proprietária de 1,7) mostravam maioria feminina, talvez pelas próprias características das funções desempenhadas (Tabela 14).

TABELA 14
ATIVIDADE E COMPOSIÇÃO POR SEXO (ESCRAVOS E PROPRIETÁRIOS)
VILA DE AREIAS

Atividades	Proprietários				Escravos			
	Porcentagem de Homens (1)				Razão de Masculinidade			
	1817	1822	1829	1836	1817	1822	1829	1836
Artesanato	50,0	50,0	53,3	52,9	116,7	141,7	118,2	125,0
Comércio	100,0	95,8	91,9	86,7	216,7	141,9	166,7	110,6
Agricultura	88,7	90,2	88,5	86,6	172,1	213,4	221,3	223,4
- Café	91,5	92,4	90,3	85,7	186,7	228,0	228,6	226,9
- Açúcar	92,3	100,0	66,7	-	182,3	189,9	184,0	-
- Aguardente	100,0	100,0	100,0	-	161,1	250,0	193,5	-
- Subsistência	83,3	83,7	78,4	92,31	153,1	148,8	144,7	155,9
- Pecuária	100,0	100,0	-	-	139,3	-	-	-

Nota : (1) Para os proprietários utilizou-se como indicador a participação percentual de homens, ao invés da razão de masculinidade, pois em alguns anos, para determinadas atividades, havia somente homens, dificultando o uso da razão de masculinidade.

Fonte : Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do AESP.

Com referência à origem dos escravos, verificava-se na agricultura e no comércio franca maioria africana, com percentual variando entre 60% e 70%. No artesanato, em dois anos, 1817 e 1822, deu-se equilíbrio entre africanos e nacionais; em 1829 passou a existir maioria africana, tal como nas demais atividades. Ou seja, o crescimento da localidade fazia-se essencialmente com africanos, adquiridos principalmente pelos agricultores, mas que ao longo dos anos predominavam em todas as atividades (Tabela 15).

TABELA 15
ATIVIDADES E ORIGEM DOS ESCRAVOS
VILA DE AREIAS

Ano	Distribuição Percentual	
	Africanos	Nascidos Brasil
1817		
Agricultura	61,3	38,7
Artesanato	53,8	46,2
Comércio	65,8	34,2
1822		
Agricultura	76,9	23,1
Artesanato	48,3	51,7
Comércio	76,0	24,0
1829		
Agricultura	76,0	24,0
Artesanato	62,0	38,0
Comércio	72,7	27,3
1836		
Agricultura	60,0	40,0
Artesanato	69,4	30,6
Comércio	63,5	36,5

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, acervo do AESP.

Cabe ressaltar a notável diferença na média de escravos das várias atividades agrícolas. Os poucos produtores de açúcar existentes em Areias mostravam média de escravos excepcionalmente elevada. Em 1817, para os treze senhores, resultou média de 38,0, contra média geral na agricultura de 6,8. Em 1822 e 1829 esse indicador elevou-se ainda mais, principalmente em 1822, quando havia apenas dois senhores com valor médio de 200,5.¹⁷ A aguardente representava outra cultura com poucos casos, mas com expressivo valor médio de escravos por senhor, na faixa de 15 a 20 nos três primeiros anos. A média na cafeicultura mostrou-se crescente no período, passando de 5,3 em 1817 para 12,6 em 1836. O processo de aumento no plantel médio ocorria simultaneamente à forte expansão do número de produtores, evidenciando a intensidade do processo de expansão da cafeicultura em Areias. Nos cultivos de subsistência resultava média relativamente estável, em torno de três escravos nos quatro anos analisados; por fim, na pecuária a média situou-se em 6,1 no ano de 1817 e 10,0 em 1822, únicos anos com proprietários nesse segmento (Tabela 16).

TABELA 16
AGRICULTURA E MÉDIA DE ESCRAVOS POSSUÍDOS – VILA DE AREIAS

Atividades	1817	1822	1829	1836
Café	5,3	8,8	11,5	12,6
Açúcar	38,0	200,5 (1)	71,0	-
Aguardente	14,1	13,2	22,5	-
Subsistência	3,6	3,0	2,9	3,3
Pecuária	6,1	10,0	-	-

Nota: (1) Apenas 2 casos.

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, acervo do AESP.

¹⁷ Um dos senhores de engenho existente na vila de Areias no ano de 1829 possuía 243 cativos; outro possuía 158 cativos.

No conjunto dos proprietários verificava-se maciça participação dos indivíduos com até dez cativos, mas na agricultura encontrou-se peso crescente dos maiores tamanhos: menos de 15% em 1817 e mais de 30% em 1836. Refletia maior importância dos médios e grandes senhores, acompanhando o fortalecimento da cafeicultura na localidade. Decresceu paralelamente a representatividade dos pequenos plantéis, de 43,9% (1817) para 23,7% (1836) e ampliou-se o peso dos médios e grandes proprietários. Esse processo influenciava a média de escravos da agricultura e refletia elevado grau de concentração, pois os proprietários com mais de quarenta cativos (cerca de cinco por cento dos senhores) controlavam aproximadamente um terço dos escravos existentes em Areias nos anos de 1822, 1829 e 1836. No artesanato, os casos limitavam-se à faixa de até dez cativos; no comércio encontraram-se proprietários em todas as faixas, inclusive entre os médios e grandes, principalmente no ano de 1836, quando apenas metade dos cativos ligados a esse segmento produtivo situava-se nos plantéis de pequeno porte (Tabela 17).

TABELA 17
TAMANHO DO PLANTEL E PARTICIPAÇÃO RELATIVA – VILA DE AREIAS

Atividades	Participação entre Proprietários					Participação entre Escravos				
	Tamanho do Plantel					Tamanho do Plantel				
	1-5	6-10	11-20	21-40	41 c+	1-5	6-10	11-20	21-40	41c+
1817										
Agricultura	66,1	20,0	8,7	3,5	1,7	21,1	22,8	19,5	15,2	21,3
Artesanato	83,3	16,7	-	-	-	50,0	50,0	-	-	-
Comércio	76,9	23,1	-	-	-	47,4	52,6	-	-	-
1822										
Agricultura	64,4	18,0	10,3	3,1	4,1	18,5	16,5	18,0	9,4	37,6
Artesanato	85,7	14,3	-	-	-	51,7	48,3	-	-	-
Comércio	100,0	-	-	-	-	100,0	-	-	-	-
1829										
Agricultura	52,1	22,5	12,3	7,6	5,4	11,5	16,8	16,7	19,2	35,8
Artesanato	94,3	5,7	-	-	-	80,6	19,4	-	-	-
Comércio	83,8	8,1	8,1	-	-	50,8	17,2	32,0	-	-
1836										
Agricultura	48,1	20,3	19,8	6,4	5,3	10,3	13,4	25,9	16,9	33,5
Artesanato	35,7	64,3	-	-	-	100,0	-	-	-	-
Comércio	73,3	16,7	6,7	-	3,3	24,7	18,2	16,7	-	40,4

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do AESP.

Na agricultura, considerados os vários tamanhos de plantel, encontraram-se diferenças significativas entre seus vários setores, particularmente entre os voltados para exportação e os cultivos de subsistência. Nesta última atividade, embora existissem plantéis de médio e grande porte, a imensa maioria enquadrava-se entre os pequenos, com quase noventa por cento dos proprietários na faixa de cinco ou menos cativos; neste conjunto encontravam-se 60% dos escravos. O extremo oposto ocorria com a atividade açucareira, na qual compareciam os maiores senhores da localidade. Poucos proprietários com plantéis de elevado tamanho, muitos acima de quarenta cativos. Nesse segmento, por exemplo, encontravam-se 59,3% dos escravos ligados à atividade açucareira em 1817, 92,8% em 1822 e 96,7% em 1829 (em 1836 não se encontravam produtores de açúcar na vila de Areias). Sem comparar-se ao açúcar, a aguardente caracterizava-se também por um número reduzido de casos, com proprietários de médio e grande porte. Em 1817, ano da maior ocorrência de proprietários vinculados ao produto (dez casos), 84,8% dos cativos situavam-se nos plantéis entre onze e quarenta escravos.

Por fim, vejamos o café. A atividade explica o rápido crescimento na população escrava da localidade, ocorrido tanto em extensão, pela incorporação de novos proprietários, como pelo aumento no tamanho dos plantéis. Em 1817, no segmento de até dez escravos encontrava-se uma parcela de 90% dos proprietários e 72% dos escravos. Nos anos seguintes esses percentuais reduziram-se, com ampliação gradativa nos segmentos seguintes, mostrando, no final do período, um perfil caracterizado fortemente por proprietários de médio porte. Em 1829, por exemplo, os senhores com até dez cativos participavam em 71,18% dos casos, mas seus escravos representavam apenas 26,0% do total de escravos; no segmento de onze a vinte escravos situava-se a parcela de 39,0% da população escrava e nos maiores plantéis, acima de vinte, concentravam-se mais da metade dos escravos e cerca de quinze por cento dos senhores. Criava-se uma estrutura de posse de escravos com expressiva participação de médios proprietários, acima da média da Província, mas com tamanho médio ainda modesto relativamente ao que viria a predominar na segunda metade do século em São Paulo. Comparativamente ao açúcar, a cafeicultura apresentava, nessa fase inicial, um perfil com melhor distribuição e oportunidade para pequenos, médios e grandes agricultores. Provavelmente parte expressiva dos recursos alocados nas grandes fazendas produtoras de café no Vale do Paraíba, na segunda metade do século, foram obtidos pela geração interna da própria atividade. No início, possivelmente, parte significativa dos recursos tiveram origem externa à cafeicultura, em outros segmentos de atividade, agrícolas ou não. Isso explicaria a existência, já nos primeiros anos da atividade, de inúmeros proprietários de grande porte na cafeicultura, como, por exemplo, em 1822 quando foi encontrado um cafeicultor com 101 escravos, dois de grande porte em 1829 (104 e 152 cativos) e um no ano de 1836, com 174 escravos (Tabela 18).

TABELA 18
ATIVIDADES, TAMANHO DO PLANTEL E PARTICIPAÇÃO RELATIVA
VILA DE AREIAS

Atividades	Participação entre Proprietários					Participação entre Escravos				
	Tamanho do Plantel					Tamanho do Plantel				
	1-5	6-10	11-20	21-40	41c+	1-5	6-10	11-20	21-40	41c+
1817										
Café	63,8	27,7	7,5	-	1,1	31,5	41,5	18,5	-	8,5
Açúcar	-	23,1	-	30,8	23,1	-	5,3	9,3	26,1	59,3
Aguardente	20,0	30,0	30,0	20,0	-	2,1	13,5	40,4	44,0	-
Subsistência	83,3	9,8	4,9	2,0	-	43,5	21,0	22,6	12,9	-
1822										
Café	57,3	20,7	13,4	4,0	4,7	16,6	17,7	22,0	10,4	33,3
Açúcar	-	-	-	-	100,0	-	-	7,2	-	92,8
Aguardente	20,0	20,0	40,0	20,0	-	2,9	28,6	-	68,6	-
Subsistência	87,5	10,5	1,0	1,0	-	61,1	26,4	4,2	8,4	-
1829										
Café	47,0	24,2	13,8	9,2	5,8	10,1	16,9	17,5	21,5	34,0
Açúcar	33,3	-	-	-	66,7	-	3,3	-	-	96,7
Aguardente	16,7	33,3	33,3	-	16,7	1,5	14,1	23,0	-	61,5
Subsistência	85,1	12,2	2,7	-	-	60,6	26,9	12,5	-	-
1836										
Café	42,9	21,1	22,4	7,4	6,2	8,5	12,5	26,4	17,6	35,0
Açúcar	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Aguardente	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Subsistência	80,7	15,4	3,9	-	-	51,7	33,3	15,0	-	-

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do AESP.

Relativamente à população escrava, já se discutiu a elevada razão de masculinidade prevaiente. Divididos por atividade, evidenciava-se na agricultura relativa correspondência entre a proporção de homens e o respectivo tamanho do plantel, embora em todas as faixas de tamanho predominassem os elementos do sexo masculino. Nas demais atividades,¹⁸ apesar de também demonstrarem maioria de homens, não se obteve, de forma marcante à apontada, relação entre tamanho e a razão de masculinidade (Tabela 19).

TABELA 19
ATIVIDADES E RAZÃO DE MASCULINIDADE DOS ESCRAVOS – VILA DE AREIAS

Atividades	Tamanho do Plantel					Total
	1-5	6-10	11-20	21-40	41c+	
1817						
Agricultura	142,3	179,7	163,8	214,5	179,2	172,1
Artesanato	160,0	85,7	-	-	-	116,7
Comércio	200,0	233,3	-	-	-	216,7
1822						
Agricultura	164,9	216,7	204,7	241,6	240,2	213,4
Artesanato	200,0	100,0	-	-	-	141,7
Comércio	166,7	-	-	107,7	-	141,9
1829						
Agricultura	202,5	196,6	203,4	233,8	244,0	221,3
Artesanato	123,1	100,0	-	-	-	118,2
Comércio	140,7	266,7	173,3	-	-	166,7
1836						
Agricultura	155,3	164,5	221,1	250,0	275,1	223,4
Artesanato	125,0	-	-	-	-	125,0
Comércio	122,7	140,0	106,3	-	95,1	110,6

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do AESP.

Na cafeicultura e nos cultivos de subsistência ocorria proporcionalidade entre tamanho do plantel e razão de masculinidade, embora de forma menos expressiva do que a verificada na agricultura como um todo, talvez pela segmentação das atividades, que reduzia o número de observações por tamanho de plantel e atividade. No cultivo do açúcar e de aguardente, bem como na pecuária a distorção provocada pela desagregação torna-se mais séria. Para cada tamanho de plantel o número de casos tornava-se reduzido, gerando valores instáveis e pouco confiáveis (Tabela 20).

¹⁸ A instabilidade nos resultados da razão de masculinidade, principalmente no artesanato e no comércio, deve-se ao reduzido número de observações quando se dividiam os escravos por atividade, tamanho e sexo.

TABELA 20
AGRICULTURA, TAMANHO DO PLANTEL E RAZÃO DE MASCULINIDADE DOS
ESCRAVOS – VILA DE AREIAS

Atividades	Razão de Masculinidade dos escravos					Total
	Tamanho do Plantel					
	1-5	6-10	11-20	21-40	41c+	
1817						
Café	155,7	182,2	228,6	-	281,8	186,7
Açúcar	-	188,9	155,6	230,8	168,8	182,3
Aguardente	200,0	171,4	137,5	181,8	-	161,1
Subsistência	128,2	188,9	147,1	220,0	-	153,1
1822						
Café	181,3	235,9	207,5	229,9	269,9	228,0
Açúcar	-	-	158,3	-	192,7	189,9
Aguardente	(1)	150,0	-	300,0	-	250,0
Subsistência	134,6	141,2	225,0	333,3	-	148,8
1829						
Café	223,6	201,5	202,6	233,8	258,6	228,6
Açúcar	-	133,3	-	-	186,1	184,0
Aguardente	(2)	216,7	244,4	-	167,7	193,5
Subsistência	137,7	143,5	188,9	-	-	144,7
1836						
Café	160,6	160,8	222,9	250,0	275,1	226,9
Açúcar	-	-	-	-	-	-
Aguardente	-	-	-	-	-	-
Subsistência	136,8	190,0	160,0	-	-	155,9

Notas: (1) Havia um homem e nenhuma mulher

(2) Encontramos dois homens e nenhuma mulher

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do AESP.

Como visto, ocorria predomínio quantitativo dos escravos de origem africana. Divididos pelo tamanho do plantel, não se notava diferença significativa entre os vários segmentos.¹⁹ Na agricultura, por exemplo, a maioria africana mantinha-se em todos os níveis, com percentuais variando entre 70 e 80% (Tabela 21).

¹⁹ Idem nota anterior

TABELA 21
ATIVIDADES, TAMANHO DO PLANTEL E ORIGEM DOS ESCRAVOS
VILA DE AREIAS

Atividades	Participação dos Africanos					Participação dos Nascidos no Brasil				
	Tamanho do Plantel									
	1-5	6-10	11-20	21-40	41c+	1-5	6-10	11-20	21-40	41c+
1817										
Agricultura	55,8	60,9	57,8	60,9	70,4	44,2	39,1	42,2	39,1	29,6
Artesanato	92,3	15,4	-	-	-	7,7	84,6	-	-	-
Comércio	72,2	60,0	-	-	-	27,8	40,0	-	-	-
1822										
Agricultura	77,0	71,8	73,4	80,9	79,9	23,0	28,2	26,6	19,1	20,1
Artesanato	86,7	7,1	-	-	-	13,3	92,9	-	-	-
Comércio	76,9	-	-	66,7	-	18,8	-	-	33,3	-
1829										
Agricultura	77,8	70,9	74,3	75,2	78,9	22,2	29,1	25,7	24,8	21,1
Artesanato	68,4	35,7	-	-	-	29,8	64,3	-	-	-
Comércio	76,9	81,8	61,0	-	-	23,1	18,2	39,0	-	-
1836										
Agricultura	70,2	56,3	40,2	81,1	73,3	29,8	43,7	59,8	18,9	26,7
Artesanato	69,4	-	-	-	-	30,6	-	-	-	-
Comércio	53,1	61,1	66,7	-	69,6	46,9	38,9	33,3	-	30,4

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do AESP.

O último tipo de cruzamento refere-se à segmentação das atividades agrícolas, tamanho do plantel e situação conjugal dos escravos. No agregado, a participação dos casados e viúvos aumentava proporcionalmente ao tamanho do plantel. Segmentada a agricultura, notava-se na cafeicultura reduzido peso de casados e viúvos, comparativamente a outros segmentos da agricultura, principalmente nos anos de 1817 e 1822, quando a participação de casados e viúvos na cafeicultura alcançou cerca de 17%; em 1829 e 1836 o percentual elevou-se para 23,5% e 27,3% respectivamente. Em 1817 e 1822, setores como açúcar e aguardente apresentavam percentuais de casados e viúvos duas vezes superiores aos da cafeicultura; nesses anos, mesmo na subsistência, a participação de casados e viúvos suplantava a da cafeicultura. A explicação talvez pudesse ser encontrada na dinâmica dos plantéis ligados ao café, recentes, em rápido crescimento, com elevada razão de masculinidade e ainda não totalmente consolidados (Tabela 22).

TABELA 22
AGRICULTURA, TAMANHO DO PLANTEL E PARTICIPAÇÃO DE CASADOS
VILA DE AREIAS
(Escravos com 15 anos e mais)

Atividades	Participação de Casados entre os Escravos					Total
	Tamanho do Plantel					
	1-5	6-10	11-20	21-40	41c+	
1817						
Café	15,7	19,0	14,7	-	20,7	17,2
Açúcar	-	21,1	41,2	26,5	44,2	38,0
Aguardente	-	37,5	53,7	42,9	-	45,1
Subsistência	8,0	52,9	36,2	25,7	-	25,7
1822						
Café	8,2	13,8	23,2	7,1	21,2	16,8
Açúcar	-	-	-	-	38,0	38,0
Aguardente	-	50,0	41,7	35,0	-	39,6
Subsistência	11,7	37,5	30,0	9,5	-	18,1
1829						
Café	13,8	22,2	24,3	26,3	25,0	23,5
Açúcar	-	33,3	-	-	19,9	20,3
Aguardente	-	35,7	47,8	-	6,9	20,6
Subsistência	12,6	16,7	17,6	-	-	14,3
1836						
Café	31,7	31,5	27,0	30,0	23,8	27,3
Açúcar	-	-	-	-	-	-
Aguardente	-	-	-	-	-	-
Subsistência	8,3	47,1	57,1	-	-	25,0

Fonte: Listas Nominativas dos Habitantes, do acervo do AESP.

Neste segmento do trabalho verificou-se a marcante presença da agricultura entre as atividades econômicas: nela se concentravam cerca de 80% dos proprietários e percentual ainda maior dos escravos. Ademais, ao longo do período analisado, cresceu a média de escravos possuídos, em função do aumento sistemático no tamanho do plantel da agricultura. Nela situavam-se os maiores proprietários, inicialmente senhores de engenho, que eram poucos, mas de dimensão significativa. Na produção de aguardente encontravam-se também proprietários de médio porte. A cafeicultura surgiu na região ao iniciar-se o século XIX, de forma esparsa e com proprietários de pequeno porte; a consolidação ocorreu na vila de Areias no período 1817 – 1829. Possivelmente proprietários de escravos alocados em outros cultivos transferiram-se para o café; a estes somaram-se novos proprietários de escravos, recém-chegados na localidade. Ao mesmo tempo, ocorria entrada maciça de escravos na vila, para atender a demanda de mão-de-obra dos novos proprietários e aumentar o plantel médio dos antigos. Em 1829, concentravam-se na cafeicultura cerca de 90% dos proprietários e dos escravos da vila de Areias e a média de escravos por senhor nessa atividade dobrara em relação a 1817. A atividade de subsistência, com cerca de metade dos proprietários e a quarta parte dos escravos, perdeu totalmente sua importância em 1829, com expansão dos cafezais.

A dinâmica da implantação do café em Areias sugere um processo talvez repetido em outras localidades dedicadas à produção de café no primeiro quartel do século XIX. Não existindo sistema de crédito organizado, principalmente crédito de longo prazo, a implantação dos cafezais, com longo prazo de maturação, deveria ocorrer subsidiariamente aos cultivos de subsistência já existentes. Existindo terra disponível, mão-de-obra significava o fator de produção básico, e durante a maturação do cafezal se utilizava aquela alocada na subsistência. Admitida a hipótese de que a transição dos

cultivos de subsistência para a cafeicultura realizava-se facilmente nas unidades produtivas, e havendo nessas unidades recursos de mão-de-obra disponíveis, ainda que não ociosos, a cafeicultura teve a possibilidade de crescer rapidamente, à medida que se mostrava uma alternativa viável, tanto do ponto de vista do cultivo, como do ponto de vista comercial. Poucos anos após os primeiros e tímidos cultivos, os produtores voltavam-se em massa para esse produto, tanto os proprietários de escravos como os que baseavam sua produção na força de trabalho familiar. Provavelmente os agricultores dedicados ao açúcar, com estrutura mais complexa e especializada, somente se transferiram para o novo cultivo em fase mais adiantada, quando o mesmo se tornara um sucesso econômico comprovado.

A dinâmica acima exposta resultava em uma atividade produtiva bastante “democrática” na sua primeira fase e utilizando recursos existentes. Na fase seguinte, a acumulação gerada na atividade, inclusive na sua etapa comercial, talvez tenha sido a responsável pelo crescimento na unidade produtiva e pela sua forte concentração e aumento no tamanho relativo.

Referências Bibliográficas

Servimo-nos como fonte básica das Listas Nominativas dos Habitantes, manuscritos do Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo, também conhecidos como Maços da População.

COSTA, Iraci de Nero da. *Arraia-miúda*. São Paulo: MGSP Editores Ltda, 1992.

LUNA, Francisco V. Características demográficas dos escravos em São Paulo. São Paulo: *Estudos Econômicos*, v.22,n.3, p. 443-483, set-dez.1993.

MOTTA, José Flávio. *Corpos escravos, vontades livres – Estrutura da posse de cativos e família escrava em um núcleo cafeeiro (Bananal, 1801-1829)*. São Paulo, Tese de Doutorado, Faculdade de Economia e Administração da Universidade São Paulo, 1990.

MULLER, Daniel Pedro. *Ensaio d’um quadro estatístico da Província de S. Paulo*. São Paulo, Reedição Integral da Seção de Obras do *O Estado de São Paulo*, 1923.

SAMARA, Eni de Mesquita. Os agregados: uma tipologia ao fim do período colonial (1780-1830). *Estudos Econômicos*, v.11,n. 3, p. 159-168, set./dez. 1981.

_____. Uma contribuição ao estudo da estrutura familiar em São Paulo durante o período colonial: a família agregada em Itu – 1780 a 1830. *Revista de História*, n. 105, 1976.